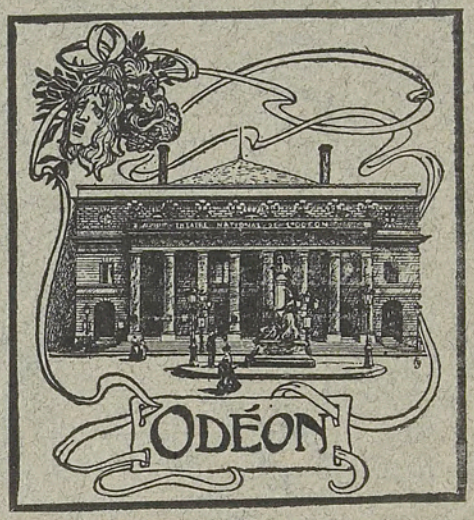
Minutes of Proceedings

E. FLAMMARION & A. VAILLANT
22, Rue de Vaugirard, 22
et Galeries de l'Odéon
— PARIS —

0 50


ODÉON

1º Caderno

Versos p.ª os "Indicios de Ouro"

Mario de Sá-Carneiro = Paris 2 julho 1914

BNP

COMPRA

"Epigrafe"

A sala do castelo é deserta e espelhada.

Tenho medo de Mim. Quem sou? Donde cheguei?...
Aqui, tudo já foi... Em sombra estilisada,
A côr morreu — e até o ar é uma ruina...
Vem d'Outro tempo a luz que me ilumina —
Um som opaco me dilue em Rei...

1

- Nossa Senhora de Paris -

Listas de som avançam para mim a fustigar-me
Em cruz.
Todo a vibrar, quero fugir... onde acoitar-me?...
Os braços numa cruz
Anseiam-se-me e eu fujo sòmbrem ao luar...

Um cheiro a maresia
Vem-me refrescar,
Longínqua melodia
Toda sondora a Mar...
Mirtos e tamarindos
~~[illegible]~~ Odoram a lonjura;
Resvalam sonhos cindos...
Mas o bico não procura
E a noite cresce agora a desabar catedrais...

Fico sepulto sob cinzas,
Escureço-me em delírios
Mas ressurjo d'Ideais...

Os meus sentidos a escravem-se...
Altares e velas...
Orgulho... Estrelas...
Vitrais! Vitrais!

Flores de Liz...

Manchas de côr a ogivarem-se...
As grandes naves a sagrarem-se...
— Nossa Senhora de Paris!...

Paris 1913 — junho 15

2.

Salomé.

Insónia rôxa. A luz a virgular-se em nódo,
Luz morta de luar, mais Alma do que a lua...
Ela dança, ela range. A carne, álcool de lua,
Alastra-se pra mim num espasmo de segredo...

Tudo é capricho ao seu redór, em sombras fátuas...
O aróma endoidece, upor-se em eír, quebra...
Tenho frio... Alabestro! A minh'alma parar...
E o seu corpo resvala a projectar estátuas...

Ela chama-me em Iris. Vimbar-se a perder-me,
Solfa-me os seios nus, ecóa-me em quebranto...
Tímbres, elmos, punhais... A dóida quer morrer-me:

Mordoura-se a chorar — ha lepros no seu pranto...
Ergo-me em tom, o céilo, e parto e vou arder-me
Na bôca imperial que humanizou um Santo...

Lisboa 1913 - Novembro 3

— Não —

Longes se aglomeraram
Em torno aos meus sentidos,
Aos quais prevejo erguidos
Paços reais de mistérios.

Cinjo-me de côr,
E parto a demandar.
Tudo é leve em meu rastro —
Poeira de amor...

Adivinho alabastro...
Detenho-me em luar...

Lá se ergue o castelo
Guardado do medo
Que eu tinha previsto:
As portas abertas,
Lacaios parados,
As luzes, desertas —
Janelas incertas,
Torreões sepulcrados...

Vitória! Vitória!
Mistério é riqueza –
E o medo é Mistério!...

É Paços reais encantados
Dos meus sentidos doirados,
Minha glória, minha beleza!

(Se tudo quanto é dourado
Fosse sempre um cemitério?...)

Heráldico de Mim,
Transponho liturgias...

Arrojo-me a entrar
Nos Paços que ateei,
Quero depôr o Rei
Para lá me coroar.

Ninguem me veda a entrada,
Ascendo a Escadaria –
Tudo é sombra parada,
Silencio, luz fria...

Ruiva, a sala do trono
Ecoa rôxa aos meus passos.
Sobe os degraus do trono —
E o trono cai feito em pedaços...

Deixo a sala imperial,
Corro as galerias,
Debruço-me ás gelosias —
Nenhuma deito pra jardins...

Os espelhos são cisternas —
Os candelabros
Estão todos quebrados...

Vagueio o Palacio inteiro,
Chego ao fim dos salões...
E enfim, oculto alguem!
Encontro uma Rainha,
Velha, entrevadinha,
A que vigiam dragões...

E acordo...
Chôro por mim... Como fui louco...

Afinal
Neste Palácio Real
Que os meus sentidos ergueram,
Ai, as côres nunca niveram...
Morre só uma rainha,
Enterrada, sequinha,
Embora a guardem dragões...

.....
.....

— A Rainha velha é a minh'Alma — exangue...
— O Paço Real o meu genio...
— E os dragões são o meu sangue...

(Se a minha alma fosse uma Princesa nova
E debochada e linda...)

Lisboa 1913 — Dezembro 14

BNP

4.

Certa voz na noite, ruivamente...

Esquivo sortilégio o dessa voz, opiada
Em tons côr de amaranto, às horas de incerteza,
Que eu dentro não sei d'onde — a voz duma Princesa
Bailando meia nua entre clarões de Espada.

Leonina, ela arremessa a carne arroxeada;
E helada de si, arfante de Beleza,
Acera os seios nus, descobre o sexo... Reza
O espasmo que a estrebucha em Alma copulada...

Entanto nunca a vi mesmo em visão. Sòmente
A sua voz a fulora ao meu lembrar-me. Assim
Não lhe desejo a carne — a carne inexistente...

É só de voz-em-cio a bailadeira astral —
E nessa voz-Estátua, ah! nessa voz-total,
É que eu sonho sorver-me em vícios de morfina...

Lisboa 1914 — Janeiro 31.

7

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o outro.

Lisboa, fevereiro de 1914.

16.

Esta inconstancia de mim proprio em vibração
É que me ha de ~~transpôr~~ ás zonas intermédias,
E seguirei entre cristais de inquietação,
A retinir, a ondular... Soltas as rédeas,
Meus sonhos, leões de fogo e pasmo bornados a tirar
A torre d'ouro que era o carro da minh'Alma,
Transvirão pelo deserto, moribundos de luar —
E eu só me lembrarei num baloiçar de palma...
Nos oasis depois hão de se ahizmar gumes,
A atmosfera ha de ser outra, noutros planos;
As rãs hão de coaxar-me em roucas tons humanos
Vomitando a minha carne que comeram entre estrumes...

×

Ha sempre um grande Arco ao fundo dos meus olhos...
A cada passo a minha alma é outra cruz,
E o meu coração gira: é uma roda de côres...
Não sei aonde vou, nem vejo o que persigo...

Já não é o meu rastro o rastro d'oiro que ainda sigo...
Resvalo em pontes de gelatina e de Dolores...
— Hoje a luz para mim é sempre meia-luz...

. . . . . .
. . . . . .

As mesas do Café endoideceram feitas Ar...
Caia-me agora um braço... Olha lá vai ela valsar,
Vestido de Caraca, nos salões do Vice-Rei...

Caio por mim acima como por uma escada de corda,
E a minha Musia é um trapezio escangalhado...

Lisboa, maio de 1914

7.

= Apoteose =

Mastros quebrados, singro num mar d'ouro
Dormindo fôgo, incerto, longemente...
Tudo se me equalou num sonho rente,
E eu metade de mim hoje só móro...

São tristezas de bronze as que inda choro —
Pilastras mortas, marmores ao poente...
Lagearam-se-me as Ausias brancamente
Por claustros falsos onde nunca óro...

Desci de Mim. Dobrei o manto d'Astro,
Quebrei a taça de cristal em espanto,
Talhei em sombra o bico do meu rastro...

Findei... Horas-platina... Olor-broçado...
Luar-ausia... Luz-perdão... Orquideas-pranto...

. . . . . .

— O pantano de Mim — jardim estagnado...

Paris 1914 — junho 28

BNP

Distante melodia...

Num sonho d'Iris, morto a ouro e brasa,
Vem-me lembranças doutro Tempo assim
Que me oscilava entre véus de tule —
Um tempo esguio e leve, um tempo — Asa.

Então os meus sentidos eram côres,
Nasciam num jardim as minhas Ânsias,
Havia na minh'Alma outras distâncias —
distâncias que o seguir-los era flôres...

Caía ouro se pensava Estrelas,
E luar batia sobre o meu olhar-me...
— Noites-lagôas, como éreis belas
Sob terraços-liz de recordar-Me!...

Idade acorde d'Inter-sonho e Lua,
Onde as horas corriam sempre jade,
Onde a neblina era uma saudade,
E a luz — debruches de Primavera nua...

Balaústras de som, arcos de Amar,
Pontes de brilho, ogivas de perfume...
Domínio inexprimível d'Ópio e Lume
Que nunca mais, em côr, heide habitar...

Tapetes d'outras Persias mais Oriente,
Cortinados de China mais marfim,
Aureos Templos de pilos de setim,
Fontes correndo sombra, mansamente...

Limbónios-panthéons de Nostalgias,
Catedrais de Ser-Eu por sobre o mar...
Escadas de honra, escadas só, ao ar...
Novas Byzancios-Alma, outras Turquias...

Lembranças fluidas... cinza de brocado...
Irrealidade anil que em mim ondeia...
— Ao meu redór eu sou Rei exilado,
Vagabundo dum sonho de sereia...

Paris 1914 — junho 30.

- Sugestão -

As companheiras que não tive,
Sinto-as chorar por mim, veladas,
Ao pôr do sol, pelos jardins...
Era sua mágua azul revive
A minha dôr de mãos finadas
Sobre setins...

Paris - Agosto de 1914.

- Fatiturno -

Ha oiro marchetado em mim, a pedras raras,
Oiro sinistro em sons de bronzes medievais —
Fria profunda a minha alma a luzes caras,
Cibório triangular de ritos infernais.

No meu mundo interior cerraram-se armaduras,
Capacetes de ferro esmagaram Princesas.
Toda uma estirpe rial de heróis d'Outras bravuras
Em Mim se despojou dos seus brazões e presas.

Heraldicas-luar sobre impostos de metro,
Humilhações a liz, desforços de brocado;
Basilicas de tédio, arneses de crispado,
Insignias de Clausão, trofeus de jaspe e bitutiro...

A ponte levadiça e traça de Em-tes-sido
Enfermeiro — embalde a tentarão descer...
Sobre fossos de Vago, ameias de inda-querer —
Manchas de armas ainda em arraiais de olvido...

BNP

Percorro-me em valões sem fundas nem portas,
Longas salas de trôno a espessas densidades,
onde os pânos de Arrás são esgarçadas saudades,
E os divans, em redôr, ansias lassas, absortas...

Ha rôxos fins d'Imperio em meu renunciar —
Caprichos de setim do meu desdem Astral...
Ha exéquias de herois na minha dôr feudal —
E os meus remorsos são terraços sôbre o Mar...

Paris — Agosto de 1914.

— O Resgate —

A ultima ilusão foi partir os espelhos —
E nas salas ducais, os frisos de esculturas
Desfizeram-se em pó... Todos as bordaduras
Caíram de repente aos reposteiros velhos.

Atónito, parei na grande escadaria
Olhando as destroçadas, imperiais riquezas...
Dos lustres de cristal — as velas d'ouro, acesas,
Quebraram-se tambem sobre a tapeçaria...

Rasgaram-se setins, abatiam-se escudos;
Estalavam de côr os grifos dos ornatos.
Pelas molduras d'ouro, os centenarios retratos
Sumiam-se de medo, a roçagar veludos...

Doido! Trazer ali os meus desdens crispados!...
Tectos e frescos, pouco a pouco, enegreciam;
Tãos de Arrás do que não-Fui emurcheciam —
Velavam-se brazões, subitamente errados...

Então, eu mesmo fui trancar todas as portas;
Fechei-me a Bronze eterno em meus salões ruidos...
— Se arranho o meu despeito entre vidros partidos,
Estilisei em Mim as douraduras mortas!

Camarate — Quinta da Vitoria
Outubro 1914.

- Vislumbre -

A horas plébeis, outonais -
Por magoados fins de dia -
A minha Alma é agua fria
Em anforas d'ouro... entre cristais...

Camarate - Quinta da Vitória
outubro 1914.

— Bárbaro. —

Enroscam-se-lhe ao tronco as serpentes douradas
Que, Cesar, mandei vir dos meus viveiros d'Africa.
Mima a luxuria a nua — Salomé asiática...
Em roda, carne a arder — virgens supliciadas...

Mitrado d'oiro e lua, em meu trono de esfinges —
Dentes rangendo, olhar d'insónia e maldição —
Os teus coleios vis, nas infamias que finges,
Alastram-se-me em febre e em garras de leão.

Sibilam os reptis... Rojas-te de joelhos...
Sangue te escorre já da bôca profanada...
Como bailas o vicio, ó torpe, ó debochada —
Densos sabbats de cio teus frenesis vermelhos...

Mas erques-te num espasmo — e ás serpentes domas
Dando-lhes a trincar teu sexo nu, aberto...
As tranças desprendeste... O teu cabelo, incerto,
Inflama agora um halo a crispações e aromas...

Em vaede mando arder as mirras consagradas:
O ar apodrecem da tua perversão...
Tenho medo de ti num calabrio de espadas —
A minha carne tôa a bronzes de prisão...

Arqueia-me o delírio — e sufoco, esbracejo...
A luz enrigecem zebrada em planos d'aço...
A sangue, se vírgula e se desdobra o espaço...
Tudo é loucura já quanto em redôr alvejo!...

Traço o manto e, num salto, entre uma luz que corta,
Caio sobre a maldita... apunha-lo-a em estertor...

.....
.....

— Não sei quem tenho aos pés: se a dançarina morta,
Ou a minh'Alma só, que me explodiu de côr...

Camarate - Quinta da Vitória.
Outubro 1914.

- Angulo -

Aonde irei neste sem-fim perdido,
Neste mar ôco de certezas mortas? -
Fingidas, afinal, todas as portas
Que no dique julguei ter construído...

- Barcassas dos meus ímpetos ligados,
Que oceano vos dormiram de segrêdo?
Partiste-vos, transportes encantados,
De embate, em alma ao rôxo, a que rochedo?...

- É nau de festa, ó ruiva de aventura
onde, em Champanhe, a minha ansia ia,
Quebraste-vos também ou, porventura,
Fundeaste a êsto em portos d'alquimia?...

.....
.....

Chegaram á baía os galeões
Com as sete Princesas que morreram.

Regatas de luar não se correram...
As bandeiras velaram-se, orações...

Detive-me na ponte, debruçado,
Mas a ponte era falsa — e derradeira.
Segui no cais. E cais era abaulado,
Cais fingido sem mar á sua beira...

Por sobre o que Eu não sonha grandes pontes
Que um outro, só metade, quer passar
Em miragens de falsos horizontes —
Um outro que eu não posso acorrentar...

Barcelona — Setembro 1914.

BNP

- Anto. -

Caprichos de Lilaz, febres esquisitas,
Enlevos de Ópio — Iris-abandono...
Saudades de luar, timbre de Outono,
Cristal de essencias langues, fugidias...

O págem débil das ternuras de setim,
O priorento dos caricias magoadas;
O principe das Ilhas transtornadas —
Senhor feudal dos Tôrres de marfim...

Lisboa 1915 — fevereiro 14.

- A Inegualavel. -

Ai, como eu te queria toda de violetas
E flébil de setim...
Teus dedos, longos de marfim,
Que os sombreassem joias pretas...

E tão febril e delicada
Que não podesses dar um passo —
Sonhando estrelas, transtornada,
Com estampas de côr no regaço...

Queria-te nua e friorenta,
Aconchegando-te em zibelinas —
Sonolenta,
Auira de éteres e morfinas...

Ah! que as tuas nostalgias fossem guizos de prata —
Teus frenesis, lantejoulas;
E os ócios em que estiolas,
Luar que se desbarata...

.....

.....

Teus beijos, queria-os de tule,
Transparecendo carmim —
Os teus espasmos de sêda...

— Água fria e clara numa noite azul,
Água, devia ser o teu amor por mim...

Lisboa 1915 — Fevereiro 16.

— Elegia. —

Minha presença de setim,
Toda bordada a côr-de-rosa,
Que poste sempre um adeus em mim
Por uma tarde silenciosa...

E' dedos longos que toquei,
Mas se os toquei, desapareceram...
E' minhas bôcas que esperei
E nunca mais se me estenderam...

Meus Boulevards de Europa e beijos
Onde fui só um espectador...
— Que sôno lasso, o meu amor!
Que poeira de ouro, os meus desejos...

Ha mãos pendidas de amuradas
No meu anseio a vaguear...
Em mim findou todo o luar
Da lua dum conto de fadas.

Eu fui alguem que se enganou
E achou mais belo ter errado.
— Mantenho o bôbo mascarado
Aonde me sagrei Pierrot.

Minhas histórias de cristal,
Meus dêbeis arrependimentos,
São hoje os velhos paramentos
Duma pesada catedral.

Pobres enleios de carmim
Que reservara pra alguma dia!
A sombra loira fugidia
Jamais se chegará de mim...

O minhas cartas nunca escritas —
E os meus retratos que rasguei...
As orações que não rezei,
Madeixas falsas, flôres e fitas...

O „petit-bleu" que não chegou...
As horas vagas do jardim...
O anel de beijos e marfim
Que os seus dedos nunca anelou...

Convalescença afectuosa
Num hospital branco de paz...
A dôr magoada e duvidosa
Num outro tempo mais atraz...

Um braço que nos acalenta...
Livros de côr á cabeceira...
Minha ternura fiorenta —
Ter amas pela vida inteira...

O grande hotel universal
Dos meus frenéticos enganos
Com aquecimento central,
Escrocs, cocottes, triganos...

O meus cafés de grande-vida
Com Dançarinas multicolores...
— Ai, não são mais as minhas dôres
Que a sua dança interrompida...

Lisboa — Março de 1915

BNP

— Escala —

Oh! regressar a mim profundamente
E ser o que já fui no meu delírio...
— Vá, que se abra de novo o grande lírio,
Tambem miósotis em cristal e Oriente!

Cinja-me de novo a grande esperança,
E de novo me timbre a grande Lua!
Eia! que empunhe como outróra a lança
E a espada de Astros — ilusória e nua!

Rompa a fanfarra atrás do funeral!
Que se abra o pôço de marfim e jade!
— Vamos! é tempo de partir a Grade!
Corra o palácio inteiro o vendaval!

Nem portas nem janelas, como dantes:
A chuva, o vento, o sol — e eu, A Estátua!
Que me nimbe de novo a aureola fátua —
Tirano medieval d' Oiros distantes.

E o Príncipe sonambulo do Sul,
O Doge de Venezas escondidas,
O chaveiro das Torres polvidas,
O mitico Rajá de Indias de tule —

Me erga imperial, em pasmo e arrogancia,
Toldado de luar — scintil de arfejos:
Imaginário de carmim e beijos,
Pierrot de fôgo a cabriolar Distancia.

Num entardecer a esfinges d'Ouro e mágoa
Que se prolongue o Cais de me scismar —
Que ressurja o terraço à beira-mar
De me iludir em Rei de Pérsias d'agua.

E' tempo ainda de realçar-me a espelhos,
Travar misterios, infenir Destaque.
Vamos! por terra os reposteiros velhos —
Novos brocados para o novo ataque!

Torne-se a abrir o Harem em festival,
(Harem de gaze — e as odaliscas, sêda)...
Que se embandeire em mim o Arraial
Haja bailes de Mim pela alamêda!!...

Rufem tambores, colem-se os cartazes —
Gire a tambola, o carrousel comece!
Vou de novo lançar-me na Kermesse:
— Saltimbanco, que a feira toda arrazes!

Eh-lá! mistura os sons com os perfumes,
Disparata de côr, quincha de luz!
Amontôa no palco os corpos nus,
Tudo alvoroça em malabares de lumes!

Recama-te de Anil e destempero,
Tem coragem — em mira o grande salto!
Ascende! Tomba! Que te importa? Falto
Eu, acaso?... — Animo! Lá te espero.

Que nada mais te importe. Ah! segue em frente
O' meu Rei-lua o teu destino dubio:
E sê o timbre, se o viro, o epenvio,
O arco, a zona — o Sinal de Oriente!

Paris — Julho de 1915

19.

= Sete Canções de Declínio. =

1.

Um vago tom de opala debelou
Prolixo funerais de luto d'Astro —
E pelo espaço, a Oiro se enfolou
O estandarte rial — livre, sem mastro.

Fantastica bandeira sem suporte,
Incerta, neventa, recamada —
A desdobrar-se como a minha Sorte
Predita por ciganos numa estrada...

2.

Atapetemos a vida
Contra nós e contra o mundo.
— Desçamos pânos de fundo
A cada hora vivida.

Desfiles, danças — embora
Mal sejam uma ilusão,
— Scenarios de mutação,
Pela minha vida fóra!

Quero ser Eu plenamente:
Eu, o possesso do Pasmo.
— Todo o meu entusiasmo,
Ah! que seja o meu Oriente!

O grande doido, o varrido,
O perdulario do Instante —
O amante sem amante,
Ora amado ora traído...

Lançar as barcas ao Mar —
Se nova, em rumo de incerto...
— Pra mim o longe é mais perto
Do que o presente lugar.

... E as minhas unhas polidas —
Ideia de olhos pintados...
Meus sentidos maquilados
A tintas desconhecidas...

Mistério duma incerteza
Que nunca se ha de fixar...
Sonhador em frente ao mar
Duma olvidada riqueza...

— «Num programa de teatro
Suceda-se a minha vida:
Escada de firo descida
Aos pinotes, quatro a quatro!...

3.

— Embora num funeral
Desfraldemos as bandeiras:
Só as côres são verdadeiras —
Siga sempre o festival!

Kermesse — eia! — e ruído!
Louça quebrada! Tropel!
(Defronte do carrousel,
Eu, em ternura esquecido...).

Fitas de côr, vozearia —
Os automóveis reflectos:
Seus chauffeurs — os meus afectos
Com librés de fantasia!

Ser bom... gostaria tanto
De o ser... Mas como? Afinal
Só se me fizesse mal
Eu fruiria esse encanto.

— Afectos?... Divagações...
Amigo dos meus amigos...
Amizades são castigos,
Não me embaraço em prisões!

Fiz dêles os meus criados,
Com muita pena — decerto.
Mas quero o Salão aberto,
E os meus braços repousados.

4.

As grandes Horas! — vivê-las,
A preço mesmo dum crime!
Só a beleza redime —
Sacrifícios são novelas.

"Ganhar o pão do seu dia
Com o suor do seu rosto"...
— Mas não ha maior desgosto
Nem ha maior vilania!

E quem fôr Grande não venha
Dizer-me que passa fome:
Nada ha que se não dome
Quando a Estrela fôr tamanha!

Nem receios nem temores,
Mesmo que sofra por nós
Quem nos faz bem. Esses dós
Impeçam os inferiores.

Os Grandes, portanto — dominem
Sua sorte em suas mãos:
— Toldados, inuteis, vãos,
Que o seu Destino imaginem!

Nada nos pode deter:
O nosso caminho [redacted] é d'Astro!
Luto — embora! — o nosso rastro,
Se pra nós Diro ha de ser!...

[redacted]

Vaga lenda facetada
A imprevisto e miragens —
Um grande livro de imagens,
Uma toalha bordada...

Um baile russo a mil côres,
Um domingo de Paris —
Cofre de Imperatriz
Roubado por malfeitores...

Antiga quinta deserta
Em que os donos falleceram —
Porta de cristal aberta
Sôbre sonhos que esqueceram...

Um lago á luz do luar
Com um barquinho de corda...
Saudade que não recorda —
Bola de tennis no ar...

Um leque que se rasgou —
Anel perdido no parque —
Lenço que acenou no embarque
D'Aquela que não voltou...

Praia de banhos do sul
Com meninos a brincar
Descalços, á beira-mar,
Em tardes de céu azul...

Viagem circulatoria
Num expresso de wagons-leitos —
Balão aceso — defeitos
De instalação provisoria...

Palace cosmopolita
De rastaquouères e côcôtes —
Audaciosos decotes
Duma francesa bonita...

Confusão de music-hall,
Aplausos e brou-ha-há —
Interminavel sofá
Dum estofo profundo e mole...

Pinturas a «ripolin»,
Anuncios pelos telhados —
O barulho dos teclados
Das Linotyps' do «Matin»...

Manchette de sensação
Transmitida a todo o mundo —
Famoso artigo de fundo
Que acende uma revol'ção...

Um sobrescrito lacrado
Que transviou no correio,
E nos chega sujo — cheio
De carimbos, lado a lado...

Nobre ponte citadina
De intranquila capital —
A humidade outonal
D'uma manhã de neblina...

Uma bebida gelada —
Presentes todos os dias...
Champanhe em taças esguias
Ou água do sol entornada...

Uma gaveta secreta
Com segredos de adulterio...
Porta falsa de misterios —
Toda uma estante repleta:

Seja enfim a minha vida
Parada de ócio e Lua:
Vida de Café e rua,
Dolorosa, suspendida —

Ah! mas de encero tão grande
Que outra nem sonho ou prevejo...
— A eterna mágoa dum beijo,
Essa mesma, ela me expande...

6.

Um frenesi chalino arripiou
Pra sempre a minha carne e a minha vida.
Fui um barco de vela que parou
Em subita baía adormecida...

Baía emflandeirada de miragem,
Dormente de ópio, de cristal e anil,
Na ideia dum país de gaze e Abril,
Em dúbrdosa e tremulante imagem...

Parou ali a barca — e, ou fôsse encanto,
Ou preguiça, ou delírio, ou esquecimento,
Não mais aparelhou... — ou fôsse o vento
Propício que faltasse: ágil e santo...

...Frente ao porto esboçara-se a cidade,
Descendo enlanguescida e preciosa:
As cúpulas de sombra côr de rosa,
As tôrres de platina e de saudade.

Avenidas de sêda deslizando,
Praças d'honra libertas sôbre o mar —
Jardins onde os plôres fossem luar;
Lagos — carícias de âmbar flutuando...

Os palácios a rendas e escumalha,
De filigrana e cinza as Catedrais —
Sôbre a cidade, a luz — esquiva poalha
Tingindo-se através longos vitrais...

Vitrais de sonho a deliroa-la em volta,
A isola-la em lenda marchetada:
Uma Venera de capricho — solta,
Instavel, dubia, pressentida, alada...

Exilio branco — a sua atmosfera,
Murmúrios de aplausos — sol brou-u-há...
E na Praça mais larga, em frágil cera,
Eu — a estátua «que nunca tombará»...

7.

Meu alvoroço d'oiro e lua
Tinha por fim que transbordar...
— Caiu-me a Alma ao meio da rua,
E não a posso ir apanhar!

Paris — julho e agosto 1915.

BNP

— Abrigo. —

Paris da minha ternura
onde estava a minha Obra —
Minha Lua e minha Cobra,
Timbre da minha aventura.

O' meu Paris, meu menino,
Meu inefavel brinquedo...
— Paris do lindo segrêdo
Ausente no meu destino.

Regaço de namorada,
Meu enleio apetecido —
Meu vinho d'oiro bebido
Por taça logo quebrada...

Minha febre e minha calma —
Ponte sôbre o meu revez:
Consolo da nuvez
Sempre noiva da minh'Alma...

O' fita bonita de côr,
Compressa das minhas feridas...
— O' minhas unhas polidas,
— Meu cristal de toucador...

Meu eterno dia de anos,
Minha festa de veludo...
Paris: derradeiro escudo,
Silencio dos meus enganos.

Milagroso carrousel
Em feira de fantasia —
Meu orgão de Barbaria,
Meu teatro de papel...

Minha cidade-figura,
Minha cidade com rosto...
— Ai, meu acerado gosto,
Minha fruta mal madura...

Mancenilha e bem-me-quer,
Paris — meu lobo e amigo...
— Quisera dormir contigo,
Ser todo a tua mulher!...

Paris - setembro 1915

— Cinco Horas —

Minha mesa no Café,
Quero-lhe tanto... A garrida
Toda de pedra burnida
Que linda e que fresca é!

Um sifão verde no meio
E, ao seu lado, a fosforeira
Diante ao meu copo cheio
Duma bebida ligeira.

(Eu bani sempre os licores
Que acho pouco ornamentais:
Os xaropes têem côres
Mais vivas e mais brutais).

Sôbre ela posso escrever
Os meus versos prateados,
Com estranheza dos criados
Que me olham sem perceber...

Sôbre ela descanso os braços
Numa atitude alheada,
Buscando pelo ar os traços
Da minha vida passada.

Ou acendendo cigarros,
— Pois ha um ano que fumo —
Imaginario presumo
Os meus enredos bizarros.

(E se acaso em minha frente
Uma linda mulher brilha,
O fumo da cigarrilha
Vai beija-la, claramente...).

Um novo freguez que entra
E' novo actôr no tablado,
Que o meu olhar fatigado
Nêle outro enredo concentra.

E o carmim daquela bôca
Que ao fundo descubro, triste,
Na minha ideia persiste
E nunca mais se desloca.

Cinge tais futilidades
A minha recordação,
E destes vislumbres são
As minhas maiores saudades...

(Que história d'biro tão bela
Na minha vida abortou:
Eu fui herói de novela
Que autor nenhum empregou...).

Nos Cafés espero a vida
Que nunca vem ter comigo:
— Não me faz nenhum castigo,
Que o tempo passa em corrida.

Passar tempo é o meu fito,
Ideal que só me resta:
Pra mim não há melhor festa,
Nem mais nada acho bonito.

— Cafés da minha pesquiza,
Sois hoje — que galardão! —
Todo o meu campo de acção
E toda a minha cubiça.

Paris — Setembro 1915.

22.

— Serradura —

A minha vida sentou-se
E não ha quem a levante,
Que desde o Poente ao Levante
A minha vida partou-se.

E vê-la, a môna, lá está,
Estendida, a perna traçada,
No infindavel sofá
Da minha Alma estofada.

Pois é assim: a minh'Alma
Outróra a sonhar de Russias,
Espapassou-se de calma,
E hoje sonha só pelucias.

Vais aos Cafés, pede um bock,
Lê o "Matin" de castigo,
E não ha nenhum remoque
Que a regresse ao Oiro antigo!

Dentro de mim é um fardo
Que não pesa, mas que maça:
O zumbido dum moscardo,
Ou comichão que não passa.

Folhetim da "Capital",
Pelo nosso Julio Dantas —
Ou qualquer coisa entre tantas
Duma antipatia igual...

O raio já bebe vinho,
Coisa que nunca fazia,
E fuma o seu cigarrinho
Em plena burocracia!...

Qualquer dia, pela certa,
Quando eu mal me precate,
E capaz dum disparate,
Se encontra uma porta aberta...

Isto assim não pode ser...
Mas como achar um remedio?
— Pra acabar este intermedio
Lembrei-me de endoidecer:

O que era facil — partindo
Os móveis do meu hotel,
Ou para a rua saindo
De barrête de papel

A gritar: «viva á Alemanha»...
Mas a minha Alma, em verdade,
Não merece tal façanha,
Tal prova de lealdade.

Vou deixa-la — decidido —
No lavabo dum Café,
Como um anel esquecido.
É um fim mais raffiné.

Paris — setembro 1915.

— O Lord —

Lord que eu fui de Escócias doutra vida
Hoje arrasta por esta a sua decadencia,
Sem brilho e equipagens.
Milord reduzido a viver de imagens,
Pára ás montras de joias de opulencia
Num desejo brumoso — em dívida indida...
(— Por isso a minha raiva mal contida,
— Por isso a minha eterna impaciencia.

Olha as Praças, rodeia-as...
Quem sabe se êle outróra
Teve Praças, como esta, a palacios e colunas —
Longas terras, quintas cheias,
Hiates pelo mar fóra,
Montanhas e lagos, florestas e dunas...

(— Por isso a sensação em mim fincada bastante
Num grande património algures haver perdido;
Por isso o meu desejo astral de luxo desmedido —
E a Côr na minha Obra o que restou do encanto...).

Paris - Setembro 1915.

— O Recreio —

Na minh' Alma há um balouço
Que está sempre a balouçar —
Balouço á beira dum pôço,
Bem difícil de montar ...

— E um menino de bibe
Sôbre êle sempre a brincar ...

Se a corda se parte um dia,
(E já vai estando esgarçada),
Era uma vez a folia:
Morre a criança afogada ...

— Cá por mim não mudo a corda
Seria grande estopada ...

Se o inder morre, deixa-o ...
Mais vale morrer de bibe
Que de cabaça ... Deixa-o
Balouçar-se emquanto vive ...

— Mudar a corda era fácil ...
Tal ideia nunca tive ...

Paris - outubro 1915.

- Torniquete -

A tarabola anda depressa,
Nem sei quando irá parar —
Aonde, pouco me importa;
O importante é que pare...
— A minha vida não cessa
De ser sempre a mesma porta
Eternamente a abanar...

Abriu-se agora o salão
Onde ha gente a conversar.
Entrei sem hesitação —
Sómente o que se vai dar?
A meio da reunião,
Pela certa disparato,
Volvo a mim a todo o pano:
Ás cambalhotas desato,
E saeto sôbre o piano...
— Vai ser bonita a função!
Esfangalho os partituras,
Quebro toda a caqueirada,
Arrebento á gargalhada,
E fujo pela vigarrão...

Meses depois, as gazetas
Darão críticas completas,
Indecentes e patetas,
Da minha última obra...
E eu — prá cama outra vez,
Cortindo febre e revez,
Tocado de Estrela e Cobra...

Paris — novembro 1915.

= Pied-de-nez =

Lá anda a minha Dor ás cambalhotas
No salão de vermelho atapetado —
Meu setim de ternura engordurado,
Rendas da minha ansia todas rôtas...

O Erro sempre a rir-me em destrambelho —
Falso mistério, mas que não se alcança...
De antigo armario que a goirento range,
Minh'alma actual o esverdinhado espelho!...

Chóra em mim um palhaço ás pirouetas;
O meu castelo em Espanha, ei-lo vendido —
E, entretanto, foram de violetas,

Deram-me beijos sem os ter pedido...
Mas como sempre, ao fim — bandeiras pretas,
Tambolos faesas, carroussel partido...

Paris — novembro 1915.

27

- O Pagem -

Sózinho de brancura, eu vago — Asa
De prendas que entre cardos só floresce...
— Triste de Mim, que vim de Alma prá essa,
E nunca a poderei deixar em casa...

Paris — Novembro 1915.

28

- Campaïnhada -

As duas ou três vezes que me abriram
A porta do salão onde está gente,
Eu entrei, triste de mim, contente —
E á entrada sempre me sorriram...

Paris — Outubro 1915.

— Ápice —

O raio de sol da tarde
Que uma janela perdida
Reflectiu
Num instante indiferente —
Arde,
Numa lembrança esvaída,
A' minha memória de hoje
Subitamente...

Seu efémero arrepio
Zig-zagueia, ondula, foge,
Pela minha retentiva...
— E não poder adivinhar
Porque mistério se me evóca
Esta ideia fugitiva,
Tão debil que mal me toca!...

— Ah, não sei porquê, mas certamente
Aquêle raio cadente
Alguma coisa foi na minha sorte
Que a sua projecção atravessou...

...

Tanto segrêdo no destino duma vida...

É como a ideia de morte,
Preconcebida,
Que sempre me acompanhou...

Paris - Agosto 1915.

- Desquite -

Dispam-me o Oiro e o Luar,
Rasguem as minhas togas de astros —
Quebrem os onix e alabastros
Do meu não me querer igualar.

Que faço só na grande Praça
Que o meu orgulho rodeou —
Estátua, ascenção do que não sou,
Perfil prolixo de que ameaça?!...

... E o sol ... ah, o sol do ocaso,
Perturbação de fôsco e Imperio —
A solidão dum cemitério
Na impaciencia dum atraso ...

O cavaleiro que partiu,
E não voltou nem deu noticias —
Tão belas foram as premicias,
Depois só — sulto o anel cingiu!...

A grande festa anunciada
A galas e elmos principescos,
Apenas foi executada
A quinchos e esgares simiescos...

Ausia de Rosa e braços nus,
Findou de enleios ou de enjôos...
— Que desbaratos os meus nós;
Ai, que espantalho a minha cruz...

Paris — julho/1915.

- Caranguejola -

— Ah, que me metam entre cobertores,
E não me façam mais nada...
Que a porta do meu quarto fique para sempre fechada,
Que não se abra mesmo para ti se tu lá fôres.

Lã vermelha, leito fôfo. Tudo bem calafetado...
Nenhum livro, nenhum livro á cabeceira —
Façam apenas com que eu tenha sempre a meu lado,
Bôlos de ovos e uma garrafa de Madeira.

Não, não estou para mais — não quero mesmo brinquedos.
Praquê? Até se mos dessem não saberia brincar...
— Que querem fazer de mim com estes enleios e medos?
Não fui feito pra festas. Larguem-me! Deixem-me sossegar...

Noite sempre pelo meu quarto. As cortinas corridas,
E eu aninhado a dormir, bem quentinho — que amor...
Sim: ficar sempre na cama, nunca mover, criar bolor —
Pelo menos era o sossego completo... Historia! era a melhor das vidas...

Se me doem os pés e não sei andar direito,
Pra que hei de teimar em ir para as salas, de Lord?
— Vamos, que a minha vida por uma vez se acorde
Com o meu corpo — e se resigne a não ter geito...

De que me vale sair, se me constipo logo?
E quem posso eu esperar, com a minha delicadeza?...
Deixa-te de ilusões, Mario. Bom édredon, bom fogo —
E não penses no resto. É já bastante, com franqueza...

Desistamos. A nenhuma parte a minha ansia me levará.
Pra que hei de então andar aos tombos, numa inutil correria?
Tenham dó de mim. Co'a breca! levem-me prá enfermaria —
Isto é: pra um quarto particular que o meu Pai pagará.

Justo. Um quarto de hospital — higiénico, todo branco, moderno e tranquilo;
Em Paris, é preferivel — por causa da legenda...
Daqui a vinte anos a minha literatura talvez se entenda —
E depois estar maluquinho em Paris, fica bem, tem certo estilo...

— Quanto a ti, meu amor, podes vir ás quintas-feiras,
Se quiseres ser gentil, perguntar como eu estou.
Agora no meu quarto é que tu não entras, mesmo com as melhores maneiras:
Criada a fazer, minha rica. O menino dorme. Tudo o mais a calor.

Paris — Novembro 1915

32.

— Ultimo soneto —

Que rosas fugitivas foste ali:
Requeriam-te os tapetes — e viste...
— Se me doi hoje o bem que me fizeste,
É justo, porque muito te devi.

Em que sêde de afagos me arderi
Quando entraste, nas tardes que aparecste —
Como fui de percal quando me déste
Tua bôca a beijar, que remordi...

Pensei que fôsse o meu o teu cansaço —
Que seria entre nós um longo abraço
O tédio que, tão esbelta, te curvara...

E fugiste... Que importa? Se deixaste
A lembrança violeta que animaste,
Onde a minha saudade a Dôr se trava?...

Paris — Dezembro 1915

Indicios de tiro

(1º caderno)

(1913-1915)

Sumários

Maria de Lá... Carneiro

BNP

— Sumario —

1 — Nossa Senhora de Paris.
2 — Salomé.
3 — Não.
4 — Certa voz na noite, privamente...
5 — 7.
6 — 16.
7 — Apoteose.
8 — Distante melodia.
9 — Sugestão.
10 — Taciturno.
11 — O Resgate.
12 — Vislumbre.
13 — Bárbaro.
14 — Angulo.
15 — Anto.
16 — A Inegualavel.
17 — Elegia.
18 — [redacted] Escala.
19 — Sete Canções do Declinio.
20 — Abrigo.

21 Cinco Horas.
22 Serradura.
23 O Lord.
24 O Recreio.
25 Torniquete.
26 Pied-de-nez.
27 O Pagem.
28 Campainhada.
29 Ápice.
30 Desquite.
31 Carangueijola.
32 Último Tonto.

(Paris, 30 dezembro 1915).

BNP

5